



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PAULO ROMERO SIMÕES DANTAS

**REFLEXÕES LOGOTÉORICAS ACERCA DO SENTIDO
DO TRABALHO**

CAMPINA GRANDE

JUNHO / 2011

PAULO ROMERO SIMÕES DANTAS

**REFLEXÕES LOGOTEÓRICAS ACERCA DO SENTIDO
DO TRABALHO**

**Artigo apresentado como trabalho de
Conclusão do Curso de Psicologia da
Universidade Estadual da Paraíba, sob
orientação do Prof. Dr. Gilvan de Melo
Santos**

CAMPINA GRANDE

JUNHO / 2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

D192r Dantas, Paulo Romero Simões.
Reflexões logoteóricas acerca do sentido do trabalho
[manuscrito] / Paulo Romero Simões Dantas. – 2011.
25 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Psicologia) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde,
2011.

“Orientação: Prof. Dr. Gilvan de Melo Santos,
Departamento de Psicologia”.

1. Psicoterapia. 2. Logoterapia. 3. Saúde do
trabalhador. 4. Psicodinâmica. I. Título.

21. ed. CDD 616.891 4

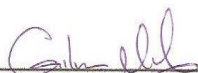
PAULO ROMERO SIMÕES DANTAS

REFLEXÕES LOGOTEÓRICAS ACERCA DO SENTIDO
DO TRABALHO


Data da Defesa: 22 de junho de 2011.

Resultado: 9,0 (nove)

BANCA EXAMINADORA



Prof. Gilvan de Melo Santos (UEPB)
Orientador



Prof. Gutenberg Germano (UEPB)
EXAMINADOR



Prof. Edmundo de Oliveira Gaudêncio (UEPB)
EXAMINADOR

RESUMO

O presente artigo tem por finalidade discutir e revisar a bibliografia da Logoterapia relacionado ao tema Sentido do Trabalho e as Neuroses provenientes do Desemprego, compreendendo a importância da Logoteoria e Logoterapia de Viktor Emil Frankl para a psicoterapia e promoção da saúde e do bem estar do homem na sociedade, evidenciando a questão da psicodinâmica e da saúde do Trabalhador. O tema central da abordagem Logoterapêutica é a busca do sentido, seja um sentido da vida, um sentido último da existência ou um sentido para cada situação vivenciada pelo ser humano, não se referindo aqui de inventar um sentido e sim descobri-lo. Para a Logoterapia o sentido nasce da busca pela Liberdade da pessoa em direção à responsabilidade e da tomada de decisão consciente diante da sua existência. Tais conceitos são básicos na logoteoria de Frankl em relação ao trabalho. Para ele a neurose dominical se apresenta naquele sujeito que por não encontrar um sentido em sua vida se dedica exclusivamente ao trabalho e quando se encontra fora dele, não consegue manter uma vida espiritualmente saudável, entregando-se às drogas, sejam elas lícitas (o álcool, tranquilizantes, etc) ou ilícitas. A neurose de desemprego se caracteriza pelo sujeito que adoece no momento em que perde o emprego.

PALAVRAS-CHAVE: Logoterapia, Frankl, Sentido, Neurose de Desemprego

ABSTRACT

This article aims to discuss and review the literature related to the theme of Logotherapy Meaning of Work and Unemployment from the Neuroses, Understanding the importance of Logoterapia and Logotherapy by Viktor Emil Frankl for psychotherapy and health promotion and well-being of man in society, highlighting the issue of psychodynamics and health worker. The central theme of Logoterapêutica approach is the search for meaning, a meaning of life is, an ultimate meaning of life or a sense for each situation experienced by humans, not referring here to invent a way but I found it. Logotherapy for the sense is born of the quest for freedom of the person toward accountability and informed decision-making in the face of its existence. These concepts are basic in logoterapia Frankl in relation to the job. For him Sunday neurosis that guy who presents himself for not finding a meaning in life is dedicated to work and when out of it, can not maintain a healthy spiritual life, indulging in drugs, whether licit (alcohol , tranquilizers, etc.) or illegal. The unemployment neurosis is characterized by the guy who gets sick at the moment he loses his job.

KEYWORDS: Logotherapy, Frankl, Meaning, Neurosis Unemployment

AGRADECIMENTOS:

Primeiramente a Deus por ter me guiado toda vida e por sempre me ter guardado e abençoado com uma família, amigos e companheiros que sempre me ajudaram.

A meus pais Antonio Bartolomeu e Maria Gorete por terem feito o possível e o impossível para que eu conquistasse tudo o que sempre sonhei, e a eles peço também desculpas por todo o trabalho e as horas de sono que perderam por minha causa, muito obrigado pai e mãe! Amo muito vocês!

A meus irmãos Mariana e Bartolomeu Filho pelas brigas, discussões, brincadeiras e pelo apoio mesmo que por vezes silencioso sei que existia, também pelo amor incondicional que sei que sentimos um pelos outros.

Ao meu orientador Prof. Dr. Gilvan Melo que mesmo sem o tempo suficiente que tínhamos aceitou o desafio de me orientar neste TCC, e não desistiu de mim, professor muito obrigado. Aos Professores que avaliaram este TCC: Prof. Dr. Gutenberg Germano e Prof. Dr. Edmundo Gaudêncio, grandes mestres intelectuais que aceitaram acompanhar o processo de avaliação deste TCC.

Às minhas avós D. Lili e D. Vina que sempre torceram e rezaram por mim e sentem orgulho de seu neto “voinhas” muito obrigado mesmo, espero nunca decepcionar vocês.

A todos os meus tios e tias que me apoiaram e rezaram por mim durante toda a minha vida principalmente nestes últimos cinco anos: “Cai”, Salete, Fátima, Hermes, Hélio (*in memoria*), Aníbal, “Ceixa”, Valeria, Neuma, Wellington, “Liu”, Humberto, Hermano. Também a Socorro, Síria, Neto, Jorge, Maria, Sávio. E todos (as) tios (as) esposos (as) que não citei, mas que também de uma forma ou de outra estiveram comigo nesta jornada. E um agradecimento ainda mais especial há tio Hugo e tia Zara que me aceitaram em seu apartamento em João Pessoa para que eu pudesse estudar e conseguir vencer o vestibular. Não posso deixar de citar também tia Fátima e tio Edilson que me acolheram durante três anos em sua casa e me possibilitaram levar a diante meu curso aqui em Campina Grande. Além disso, sempre me trataram como um filho e me deram muitos conselhos, a vocês

também peço desculpas pelas preocupações que sei que tiveram comigo, a todos os meus tios um obrigado gigantesco!

A meus primos, são muitos não posso citar todos aqui, mas sei que sempre estiveram do meu lado, muito obrigado! Um obrigado especial as quatro irmãs Herline, Herlane, Helide e Helen pelas conversas, trocas de angústias e sonhos, sempre nas noites de fim de semana em que estive em Pirpirituba, durante nossas caminhadas acadêmicas. A meu primão/irmão Herly por nossa temporada juntos em João Pessoa, pelos momentos bons e ruins que passamos juntos, a minha querida Diana que está longe, embora nunca tenha deixado de mesmo longe torcer por mim, a Ricardo (Cocão), Rodrigo, Raline, Elisa que dividiram esta caminhada comigo.

Aos meus grandes amigos da “Beleza”: Alexandre, Aldair, Alisson, “Guil”, Rodrigo, Luciano (Nino), Fabio (Kel), Flavio, Fabiano, “Josa”, Joelson, Samuel, Marcones. Que nunca duvidaram da minha capacidade, aliás, me superestimaram de mais vocês sempre deram o apoio necessário nos momentos em que eu mesmo duvidava de mim. Sempre em nossas conversas, “peladas”, bebedeiras, se preocuparam comigo e me deram muitos votos de confiança, vocês não imaginam quanto foram importantes para mim estes momentos e o quanto vocês mesmos são importantes. A meu irmão mais novo Neto Gonçalves que também torceu, conversou, brincou e me acompanhou em vários bares para discutimos nossos problemas dividindo este peso juntos.

Às minhas (meus) colegas de turma que dividiram comigo esta longa jornada cheia de pedras e buracos, mas que nunca nos fizeram desistir. Dividimos cada momento ruim juntos e os bons mais ainda. Nas nossas conversas, brincadeiras, trabalhos, estágios tudo que precisávamos tínhamos uns aos outros para nos ajudarem, um agradecimento mais especial ainda àqueles que estiveram mais perto de mim. A Thereza minha irmã e alma gêmea, por cada minuto que passamos juntos desde o início do curso com nossas conversas, conselhos e as nossas saídas *homéricas* que ainda vão render um livro. A meus colegas de Logoterapia: Udijaira e Fablicia, que mesmo com pouco tempo juntos, muito obrigado pela ótima companhia, Tiago (panda) pelas caronas e pelos “ótimos” trabalhos que fizemos “juntos”, a Lorena (minha Lo) que esteve junto comigo não só na vida acadêmica, mas

também no C.A.. A todas (os) colegas que eu não tenha citado vocês foram tão importantes quanto os outros para mim. Muito obrigado!

A meus (minhas) companheiros (as) de Luta que estivemos juntos construindo um Movimento Estudantil forte e combativo, tanto no DCE quanto no CA. As minhas belas e queridas Rayanne e Marlane que estão no CA hoje, muito obrigado por tudo meus amores e um beijo especial para vocês.

Um agradecimento mais do que especial àqueles que nestes últimos anos e meses apareceram como grandes amigos, irmãos, companheiros, *brother's*, e apoiaram muito nesta conquista: Tiago (Cabeção) meu "compa", amigo, irmão que até hoje esta comigo nos perrengues que a vida trás para aqueles que saem do conforto de sua casa para vencerem na vida, Erison (*Thuco*) e Ednaldo por termos morado juntos e criado um grande laço de amizade. Arsênio (*pandu*, "Negão") pelo pouco tempo que passou conosco, mas que deixou saudades, Cesar que está sempre aqui conosco para o que precisarmos. Derek e Mithia pelas ótimas companhias que são nos jogos do Treze (rsrs), pelos bons momentos que tivemos juntos e pela torcida por mim. Ao meu grande camarada o Poeta Aziel Lima pela torcida e pelos belos versos populares que tanto me inspiraram e me inebriaram com seu talento.

Por ultimo, embora não menos importante ao meu querido "02", *broooooother*, que me ajudou diretamente neste TCC e que me deu uma luz no mento em que eu achei que não conseguiria Tiago Andrade (Prof. Andrade, Miguel), valeu mesmo meu irmão você me ajudou muito! Ao Prof. Nicolau que fez a correção ortográfica e sempre torceu por mim muito obrigado meu amigo!

A todos aqueles que direta ou indiretamente me ajudarem a construir meu conhecimento e este TCC meu MUITO OBRIGADO!

Sumário

INTRODUÇÃO	11
1. SENTIDO DA VIDA EM LOGOTERAPIA	14
2. LOGOTERAPIA E SENTIDO DO TRABALHO	19
2.1 ASPECTOS HISTORICOS E SOCIAIS DO TRABALHO	19
2.2 <i>WORKAHOLIC</i>	22
3. EM BUSCA DO SENTIDO NO TRABALHO	23
4. CONCLUSÃO	25
REFERÊNCIAS	27

Introdução

Este artigo tem por finalidade discutir e revisar a bibliografia da Logoterapia relacionado ao tema Sentido do Trabalho e as Neuroses provenientes do Desemprego, compreendendo a importância da Logoterapia e Logoterapia de Frankl para a psicoterapia e promoção da saúde e do bem estar do homem na sociedade, evidenciando a questão da psicodinâmica e da saúde do Trabalhador.

A Logoterapia é a terceira escola de Psicoterapia de Viena sendo criada por Viktor Emil Frankl (1905-1997). Ela foi precedida pela Psicanálise de Freud (1853-1939) e pela Psicologia Individual de Alfred Adler (1870-1937). O tema central da abordagem logoterapêutica é a busca do sentido, seja um sentido da vida, um sentido último da existência ou um sentido para cada situação vivenciada pelo ser humano, não se referindo aqui de inventar um sentido e sim descobri-lo como diz Frankl (1991). Para a Logoterapia o sentido nasce da busca pela Liberdade da pessoa em direção à responsabilidade e da tomada de decisão consciente diante da sua existência.

Este sentido é individual e intransferível, encontrando-se na intimidade de cada sujeito, chamando-o, através da liberdade, para a responsabilidade que à vida se lhe apresenta. A busca pelo sentido significa descobrir um “para que” viver, indo além de si mesmo, esquecendo-se de si e direcionando-se para algo a ser realizado, um objetivo, ou mesmo uma pessoa amada (BENINCÁ, 2007). O homem precisa enfrentar a dor do sofrimento, das dificuldades e todos os obstáculos que o destino lhe impõe, para tanto nada melhor que ele seja consciente que sua vida possui um sentido, significados a cada instante e uma missão a cumprir.

E que desta forma o sujeito compreenda que seu trabalho mesmo que seja uma forma de sofrimento, como afirma Dejours (2004a), pode-lhe apresentar um sentido, ou seja, um caráter de missão. Entretanto, a forma de trabalho que hoje se apresenta não deixa que o trabalhador encare seu trabalho desta forma, tendo em vista que o trabalho alienante e dividido não dá ao trabalhador a satisfação de ver seu trabalho pronto e compreender que ele fez aquele produto (DEJOURS, 2004a). Sem este sentido acaba o trabalhador

caindo no vazio existencial que pode gerar a neurose dominical quando este ainda trabalha ou a neurose de desemprego quando perde este emprego.

Tais conceitos são básicos na logoterapia de Frankl em relação ao trabalho. Para ele a neurose dominical se apresenta naquele sujeito que por não encontrar um sentido em sua vida se dedica exclusivamente ao trabalho e quando se encontra fora dele, não consegue manter uma vida espiritualmente saudável, entregando-se às drogas, sejam elas lícitas (o álcool, tranquilizantes, etc) ou ilícitas. A neurose de desemprego se caracteriza pelo sujeito que adoece no momento em que perde o emprego (FRANKL, 1991).

Por viver em uma sociedade que não se preocupa com a saúde do trabalhador quando este está fora do trabalho, e por isso não servir para produzir, o individuo acaba não encontrando uma forma de se sentir completo em sua existência como desempregado e não consegue vivenciar de forma satisfatória este momento.

Desta forma, procuraremos evidenciar neste artigo a questão do Sentido do Trabalho e da Neurose do Desemprego, excluindo, por ora, a temática da neurose dominical. Sendo de grande importância a contribuição da Logoterapia na seara psicológica, são imprescindíveis o conhecimento e a compreensão da teoria de Viktor Frankl e sua aplicação na Psicoterapia para a construção de uma Psicologia que vai além das questões pulsionais e instintivas procurando compreender o homem também na sua esfera noológica, ou seja, em sua dimensão espiritual.

No que se refere ao Sentido do Trabalho, faz-se necessário o entendimento do tema frente a uma sociedade capitalista na qual o sujeito tem retirado de seu trabalho aquilo que lhe fazia compreender a importância da sua atividade a sua capacidade criativa. Estudar tal tema faz-nos compreender de que forma as empresas públicas e privadas adoecem e exploram o trabalhador, no intuito de aumentar a sua produção e ampliar o consumo de seus produtos, não permitindo que este sujeito possa, ao menos abertamente, desenvolver sua criatividade no trabalho, e respeitar o tempo que seu organismo necessita para desenvolver sua atividade. Tais empresas podem comprometer o seu bem estar biopsicossocial e espiritual.

Sendo assim, este Trabalho de Conclusão de Curso prioriza, a pesquisa bibliográfica de cunho exploratório, tendo por principio o aprimoramento de

ideias, e o aprofundamento da temática escolhida. Utiliza como *corpus* livros, revistas e artigos científicos. A relevância deste projeto constitui-se no fato de não haver tantos outros projetos, trabalhos e livros que estudem este tema.

1. Sentido da Vida em Logoterapia

De acordo com *W. Soucek (apud. LUKAS, 1989)* a Logoterapia é a “Terceira Escola de Psicoterapia de Viena”. A Logoterapia foi criada por Viktor Emil Frankl, a partir de sua prática psicoterápica, além de suas observações e sua experiência nos Campos de Concentração durante a Segunda Guerra Mundial

A validação da Logoteoria de Frankl teve como base o seu sofrimento e de seus companheiros no período em que estiveram encarcerados em Campos Nazistas. Observando sua própria reação e a de seus colegas, ratificou experimentos, que mais tarde veio denominar de Logoterapia (FRANKL, 1991). Como prisioneiro nos Campos de Concentração, ele sofreu as piores degradações que um homem poderia suportar, perdendo tudo que era seu, sua família e seus pertences, sofreu com a fome, o frio, a humilhação dos CAPOS e dos soldados nazistas. Entretanto mesmo em meio a todo o sofrimento, nunca lhe ocorreu se jogar contra as cercas elétricas, em busca da morte, como era corriqueiro entre tantos outros prisioneiros (FRANKL, 1991).

Segundo Benincá (2007) Frankl nunca teve a intenção de substituir as grandes propostas anteriores, sendo elas, a Psicanálise de Freud e a Psicologia Individual de Adler. Freud descobriu no homem a vontade de prazer, considerando-o um ser ab-reagente; para a Psicanálise a repressão é o momento onde surgem os sistemas neuróticos, levando ao inconsciente certos conteúdos da consciência. Seu princípio terapêutico consiste, fundamentalmente, num fazer vir à consciência. Já a Psicologia adleriana enxerga no sujeito a vontade de poder e o sintoma neurótico é interpretado como uma tentativa do indivíduo para se desvencilhar da responsabilidade, ocorrendo assim a diminuição do seu *ser responsável*.

A Logoterapia concentra-se no sentido da existência humana, assim como na busca do ser pelo sentido (FRANKL, 1991). Além disso, é sustentada por três pressupostos básicos que segundo Frankl são a *Liberdade da Vontade*, a *Vontade de Sentido* e o *Sentido da Vida*. Destes, Lukas (1989) afirma que a *Liberdade da Vontade* e o *Sentido da Vida* são proposições evidentes, são *axiomas*, isto é, são proposições que se admitem como universalidade verdadeira sem exigência de determinação.

De acordo com a Logoterapia a *Liberdade da Vontade* é dada, ao menos potencialmente, a cada pessoa. Ela significa a liberdade humana que tem a finitude como parâmetro. “Visto isso, a Logoterapia é vista como uma psicologia não determinista”. (LUKAS, 1989 p. 24)

A *Vontade de Sentido* é o centro do conceito logoterapêutico de motivação. Este conceito nos diz que é inerente a todo ser humano o sentido e a busca pelo sentido. Frankl (*apud* Benincá 2007, p.18) “chama de “Vontade de Sentido” como um interesse primário do homem”. Lukas (1989) escreveu que a *Vontade de Sentido* é o ponto angular e de partida da Logoterapia ou Análise Existencial como ciência de curar e por isso representa o sentido psicoterapêutico.

O último axioma, O *Sentido da Vida*, expressa que a vida tem um sentido incondicional e que nenhuma pessoa pode perdê-lo de maneira alguma.(LUKAS, 1989).

Sobre a categoria “sentido” Benincá (2007) afirma que o ser humano é capaz de superar qualquer sofrimento quando este tem um “para quê” viver, e que por mais insuportável que seja a fase da vida que o sujeito esteja passando, tudo se torna suportável, por ter um “como” viver.

Conforme dito acima, a Logoterapia tem como princípio a busca pelo sentido, ou seja, ela ajuda o sujeito a descobrir o sentido, sendo na realidade, no amor, no trabalho, ou mesmo no sofrimento. E apela para que cada pessoa encontre motivos pelos quais viver, uma vez que esse sentido não necessita ser criado, mas descoberto na vivência do indivíduo (GOMES, 1992).

Frankl (1991) afirma que o Sentido da Vida difere sempre de pessoa para pessoa e de um dia para o outro. O que importa não é o Sentido da Vida de um modo geral, antes, sim, um sentido específico de cada momento da vida e de cada situação:

“Em suma, cada pessoa é questionada pela vida; e ela somente pode responder à vida *respondendo* por sua própria vida; à vida ela somente pode responder sendo responsável. Assim, a Logoterapia vê na responsabilidade (*responsibleness*) a essência propriamente dita da existência humana”. (p. 98-99)

O sentido ao qual Frankl (1991) se refere, é uma meta, uma direção do homem para alcançar o objetivo que o impulsiona não apenas em busca da auto-realização, mas também em direção à transcendência das limitações que lhe são impostas pelo fator social. Ao buscar um sentido, cada situação da vida se constitui um desafio para o sujeito, e se lhe apresenta como uma situação a qual ele deve se posicionar de forma satisfatória, ou não. Entretanto, é possível perceber que não é o ser humano que está questionando qual o sentido da vida. O que ocorre na verdade é que a vida é quem indaga a este ser humano.

Sobre esta questão Benincá (2007) afirma:

“A realidade se apresenta na forma de uma particular situação concreta e, como cada situação da vida é irrepetível, entende-se que o sentido de uma dada situação é único. Esse significado, no momento em que ele é único, é objeto de descoberta pessoal”. (p. 21)

A descoberta deste sentido se dá segundo Frankl (1991), em particular, de uma liberdade de agir do sujeito, com responsabilidade em relação à vivência que lhe é imposta. Desta maneira cada sujeito possui a liberdade de aproveitar, ou não, cada situação, e de encontrar, ou não, o sentido através dela. Para Cavalcante (2006) o sentido é exclusivo, específico e intransferível, podendo ser cumprido apenas pelo sujeito que vivência a situação. Somente então ele assume uma importância que satisfará sua vontade de sentido.

Do mesmo modo, como este sentido é único, ele é também mutável, não deixando, porém, de existir jamais. A máxima é verdadeira, segundo os paradigmas da Logoterapia: a vida não deixa jamais de possuir um sentido (BENINCÁ, 2007).

A Logoterapia segundo Cavalcante (2006) tem como principal propósito a compreensão e aceitação da situação que é imposta ao sujeito pelo destino. Ainda que sejam adversas, essas situações representam um destino existencial ao qual o homem é encarregado e do qual não pode fugir.

Frankl (*apud* BENINCÁ, 2007) afirma que o verdadeiro sentido da vida deve ser descoberto no mundo e não dentro de cada pessoa humana ou da psique. Ao definir o conceito de “autotranscendência” da existência humana Frankl (1991) afirma que ser humano é estar sempre dirigido para algo ou alguém que está fora de si mesmo. Quanto mais ele se esquece de si mesmo,

seja dedicando-se a alguma coisa ou mesmo outra pessoa, mais humano será ele mesmo, e mais se realizará.

Segundo Frankl (1991) há três formas diferentes de se descobrir o sentido da vida. São elas: criar um trabalho ou praticar um ato, encontrar outra pessoa ou experimentar algo e, a última, pela atitude que o ser humano toma diante de um sofrimento inevitável.

Sendo assim, existe um sentido potencial a ser descoberto através do agir e do amor, entretanto ele também pode ser descoberto em situações que *a priori* parecem ser sem esperanças. Existe segundo Frankl (1989) um potencial unicamente humano que possibilita a transformação de uma situação trágica em um triunfo pessoal, a mudança da situação difícil em que o indivíduo se encontra; trata-se do potencial de sofrer com sentido.

A dúvida paira quando procuramos distinguir um sofrimento sem sentido de um sofrimento com sentido. Segundo Benincá (2007):

“O sentido do sofrimento só tem sentido quando quem sofre muda para melhor, e esse é o segredo da riqueza absoluta do sentido da vida, riqueza essa que se vê no sofrimento e até mesmo na morte a possibilidade de um sentido”. (p. 22)

Para Lukas (2002) existem momentos no decorrer da vida do indivíduo que fazem emergir a questão do sentido, divididas em: As fases consideradas fáceis na vida, em que este indivíduo dispõe de quase tudo o que possa desejar, mas não possui nenhum objetivo para o qual viver, nenhuma meta através da qual tenha que desprender algum esforço para cumprir. As faces difíceis, onde acontecem perdas de pessoas que lhes são gratas, são oportunidades de realização e sem elas a vida parece ficar sem sentido. Há também os tempos de conflitos onde as percepções do indivíduo quanto ao sentido e quanto ao que é prazeroso se opõem.

Estes momentos, para Benincá (2007), são fundamentais para a busca do sentido e para a sobrevivência, onde o sujeito encontra por motivos autênticos de sua existência. Contudo, ele pode encontrar o sentido e, apesar

de todo sofrimento dizer “sim” à vida e à existência plena de sentido, com isso pode também conscientemente responder a sua própria questão. Caso contrário este sujeito pode cair no vazio existencial, pela justa causa de falta de um “para que” viver.

Para Frankl (*apud* GOMES, 1992) a falta de sentido na vida é a causa das psicopatologias modernas, isso pelo fato da humanidade nunca ter vivido tão sem esperanças e perspectivas. Chama a isto de *vazio existencial*, caracterizado por uma espécie de angústia, que atinge as pessoas as quais não tem definido um bom motivo pelo qual viver. Estando a pessoa sem fé e esperança na vida, perde o sentido que lhe atribui a capacidade de transcender e de superar-se através de uma orientação da sua vida no mundo (GOMES, 1992).

Frankl (2003) afirma que nos dias de hoje, o sentimento de vazio existencial tem se difundido tanto a ponto de poder ser chamado de neurose de massa, não só o vazio existencial, mas também a depressão, a agressão e a toxicod dependência. Diz ainda que os motivos pelos quais as tentativas de suicídio são elevadas atualmente devem-se ao vazio existencial

Benincá (2007) traz que este fato ocorre com mais frequência nas sociedades em que existem condições de mais bem-estar, entretanto a disponibilidade de recursos para viver não significa que se tenha um sentido pelo qual viver, posto que o sentido transcende os recursos materiais. Desta forma a Logoterapia atua no sentido de promover o bem-estar do homem, “na busca do sentido de sua vida”, facilitando, assim, o enfrentamento de qualquer situação, seja ela de sofrimento ou não. Uma das manifestações contemporâneas deste sofrimento é o estresse, tensão provocada normalmente pelo excesso de atividades que não dão sentido à vida das pessoas.

Entretanto para a Logoterapia e/ou Análise Existencial o homem possui em si a vontade de sentido e por isso precisa de um determinado grau de tensão que lhe dê ímpeto a lutar pela descoberta do sentido que cada situação se apresenta à vida, o que possibilita que este sujeito não seja afetado pela

neurose noogênica. Neuroses estas que surgem de problemas existenciais, entre os quais é possível citar a frustração da vontade de sentido, que irá corresponder a um problema espiritual, um possível conflito moral, ou até mesmo uma crise existencial. Uma das manifestações deste tipo de neurose é a neurose do desemprego, tão cara às sociedades atuais, tanto às de menor quanto às de maior potencial tecnológico (FRANKL, 1991).

2. Logoterapia e Sentido do Trabalho

2.1 Aspectos históricos e sociais do trabalho

Segundo Lobato (2004) os primeiros vestígios do que hoje chamamos de trabalho são encontrados ainda na pré-história. Nesta época o trabalho se baseava principalmente na coleta, isto para garantir a reprodução biológica da espécie humana.

Ribeiro e Léda (2004) trazem que a palavra trabalho vem do Latim *tripalium*, que é um termo utilizado para designar um instrumento de tortura. Lobato (2004) afirma que na Grécia distinguiam o trabalho na terra, o artesanato e as discussões filosóficas, sendo que para Ribeiro e Léda (2004) os cidadãos livres desprezavam o trabalho e que o próprio Platão considerava o exercício das profissões algo vil e degradante. Borges & Yamamoto (2004) afirmam ainda mais que o trabalho, nas sociedades Greco-Romanas, ocupavam um lugar secundário no pensamento social, sendo considerado degradante para o cidadão livre. Posteriormente, a relação de exploração Medieval consistia na dicotomia entre proprietários e explorados, senhores feudais e servos (LOBATO, 2004). Assim, pode-se observar em vários períodos históricos a exploração da mão-de-obra de alguns homens por outros, fato que vai se consolidar ainda mais no apogeu do capitalismo.

Com a era capitalista o trabalho foi se tornando como valor supremo e o desejo de riqueza e sucesso tornaram-se um dever. Já no séc. XVII a partir do Renascimento surge a ideia do trabalho como condição de liberdade do sujeito como afirmam Ribeiro e Léda (2004, p. 77): “Longe de escravizar o homem, entende-se que propicia o seu desenvolvimento, preenche a sua vida,

transforma-se em condições necessária para a sua liberdade”. Borges & Yamamoto (2004), entretanto, escrevem, que a ideologia da glorificação do trabalho surgiu apenas há dois séculos e que também o desenvolvimento do protestantismo criou uma ideologia de trabalho que se encaixa perfeitamente ou quase perfeitamente na ideologia capitalista, tornando “naturais”, sob a proteção da religião, as relações do homem com o regime de produção capitalista, inclusive no que diz respeito à hierarquia.

Nesse tema Álvaro-Estramiana (1992) atenta para o papel central ocupado pelo trabalho, e mais precisamente o emprego, na vida de homens e mulheres. Assim o trabalho assume um importante fator de socialização e ligação com a realidade. Ele assume a tese segundo a qual a subsistência, ainda que seja a sua função primária, não é a única função exercida pelo trabalho. Álvaro-Estramiana (1992) cita ainda a formação da identidade enquanto uma função secundária do trabalho, tendo em vista que toda a socialização infantil é direcionada ao trabalho, o que pode ser observado na própria estrutura da educação infantil, na qual as crianças aprendem a manter a concentração numa tarefa específica, a lidar com a autoridade, etc.. Mas não apenas na criação da identidade individual, sim também na construção de uma identidade social.

No séc. XIX com a consolidação do capitalismo que irá afetar diretamente as relações dos modos de produção, inicia-se o processo de racionalização do trabalho, principalmente a partir das ideias de F. Taylor – criador do *taylorismo* – que via o homem como alguém “preguiçoso” (BORGES & YAMAMOTO, 2004). Para Taylor os tempos e movimentos na execução de determinado trabalho deveriam ser milimetricamente calculados afim de que fossem extintos todos os elementos que fossem desnecessários ou que atrapalhassem o trabalho. Paralelo à teoria de Taylor surge também o movimento gerencial que foi conhecido como fordismo – em homenagem a seu criador Henry Ford. Com o surgimento do método de produção taylorista/fordista utilizado nas indústrias o desemprego tornou-se fonte de tensão psicossocial, tanto do ponto de vista individual como comunitário (LOBATO, 2004).

Ribeiro e Léda (2004) afirmam ainda que nesta mesma época as pessoas ficavam submetidas às leis impostas pelas fábricas, ocorrendo também o controle das suas vidas privadas. Para Dejours (2004a) surge, com isso, a crença de que o trabalho poderia ser um fator desencadeante de distúrbios psicopatológicos fazendo surgir a disciplina definida como aquela que trata da análise do sofrimento psíquico resultante do confronto com a organização do trabalho. Entretanto a questão tangente à normalidade aparecia como algo mais enigmático: até que ponto o trabalho serve à normalidade ou como o trabalhador se relaciona com o trabalho e com o sofrimento gerado por este.

Esta mudança de foco – da patologia para a normalidade – veio a ser a base da construção de uma disciplina que aborda o trabalho de modo mais abrangente: surgia então a chamada *Psicodinâmica do trabalho*. Com essa nova terminologia, a intenção da psicodinâmica do trabalho é a descrição e o conhecimento das relações entre o trabalho e a saúde mental (DEJOURS, 2004b).

Para Dejours (2004b) o trabalho consiste em algo que vai além da relação empregatícia, ou seja, da relação atividade e salário; pode-se perceber ainda que o trabalho envolve a atividade de trabalhar - entenda-se - toda uma mobilização psíquica com o objetivo de responder a uma demanda, uma vez que o cumprimento de todas as prescrições da organização muitas vezes impede a realização da atividade, tendo em vista as contradições da organização do trabalho. A *psicodinâmica do trabalho* considera que o trabalho é justamente o ajuste entre a tarefa e a atividade; ele consiste em realizar aquilo que ainda não está prescrito na sua organização (DEJOURS, 2004a).

Assim é possível se falar que, de certo modo, um dos elementos envolvidos na relação entre o trabalho e o sofrimento é a liberdade ou a tentativa de encontrá-la dentro da organização do trabalho, ou seja, quanto mais rígida a organização, mais difícil será driblar as prescrições, o que se constitui enquanto um fator de sofrimento. Já o trabalhador deverá mobilizar toda a sua criatividade para desenvolver a atividade, de forma que ele possa cumprir a demanda imposta pelo seu trabalho, devendo ele desenvolver algo conhecido como “inteligência prática” ou “inteligência operária” (DEJOURS,

2004a). Caso ele não tenha esta habilidade poderá vivenciar um dos maiores problemas da atualidade: o desemprego.

Percebe-se como o desemprego e até mesmo o trabalho assombra o imaginário do trabalhador tendo em vista que na sociedade capitalista o desempregado não tem valor, já que este “não produz” algo de concreto para a sociedade e por isso é desvalorizado por ela. Segundo Álvaro-Estramiana (1992) o ócio no qual se encontra o desempregado é desencadeante também da deterioração do bem-estar psicológico. E ainda muitas vezes o trabalho causa sofrimento ao trabalhador tendo em vista também a estruturação do tempo proporcionada pelo trabalho, tempo este, muitas vezes, transformado em sofrimento psíquico.

Dentro deste contexto dinâmico do trabalho em uma sociedade capitalista, acaba por fazer o trabalhador se entregar ao trabalho, ora por medo de perdê-lo, ora por não ter encontrado um sentido em sua vida. Assim surge um fenômeno novo denominado *workaholic*.

2.2 - Workaholic

Segundo Stefaniczen (*et al*, 2010) o indivíduo busca ter sucesso na organização em que trabalha, por isto precisa estar em constante aprendizagem, para que assim possa se desenvolver dentro do seu trabalho.

Entretanto hoje em dia a dinâmica das organizações mudou muito. Segundo Motta (*apud* STEFANICZEN, 2010 p. 2): “Antes exigia-se comprometimento e lealdade e oferecia-se progresso através da carreira. As exigências serão as mesmas sem perspectivas ou garantias de progresso”.

Sem estas garantias citadas acima, tal como a ascensão na empresa, o trabalhador só apresentará lealdade e dedicação à tarefa determinada para ele, desta forma comprometendo a ligação deste sujeito com a empresa que será apenas financeira, ou mesmo por medo de perder o emprego.

Diante deste aspecto, as pessoas tendem a trabalhar arduamente a fim de alcançar as metas traçadas pela empresa. Muitas vezes acaba fazendo do trabalho sua principal razão de viver, mesmo realizando um trabalho no qual não encontra sentido, desencadeando, talvez, um vazio existencial.

Frankl (1991) afirma que o vazio existencial se manifesta principalmente num estado de tédio. O que Frankl afirma vem em concordância com as características que Stefaniczen (2010) mostra do *workaholic* na sua vida fora do trabalho: “Quando estão com a família, ou no lazer, podem se mostrar irritadiços e até mesmo desenvolver manifestações depressivas”. Assim pode-se perceber uma concordância do que afirma Frankl, em sua teoria da Logoterapia, com a confirmação de Stefaniczen em seus estudos. Sem ter o sentido em sua vida o sujeito acaba por se dedicar exclusivamente ao trabalho que ocupa seu tempo, mas fora dele não consegue vislumbrar um sentido para a sua vida.

Para definir o indivíduo que vive simplesmente para o trabalho Stefaniczen (2010) utiliza o termo *workaholic*, que traduzido ao pé da letra significa viciado em trabalho. O fenômeno *workaholic* está cada vez mais crescente nas organizações.

O sujeito *workaholic* pode ser caracterizado como um sujeito que está absorvido de maneira intensa pelo trabalho, possui uma carga horária de trabalho descomedida, tem uma forma veloz de se trabalhar e busca desenfreada por resultados. (STEFANICZEN, 2010)

Para Filinger (*apud* STEFANICZEN, 2010) o *workaholic* é um indivíduo que numa tentativa de ser aceito, respeitado e aprovado pelo outro, faz do trabalho um meio de alcançar tal aprovação. Estas pessoas são dependentes do trabalho, não conseguindo fazer nada na vida a não ser trabalhar.

2.3 - Em busca de Sentido no Trabalho

Mesmo diante da alienação e outros sofrimentos provocados sobretudo pelo sistema capitalista, o sujeito pode descobrir um sentido para sua vida dentro do seu trabalho entendendo-o enquanto missão, todavia também pode encontrar este sentido na falta deste trabalho, dependendo da atitude que ele toma diante do desemprego ou do emprego alienante. Inserido em uma sociedade na qual ele é impelido a acreditar que o sentido de sua vida está apenas em produzir um trabalho para que assim possa consumir bens materiais e imateriais, construindo a falsa felicidade propagandeada pela

sociedade capitalista, é possível que o sujeito encontre sentido ainda que lhe falte emprego.

No entanto, estando tanto o trabalho quanto o trabalhador alienados a esta realidade de transcendência diante do desemprego, o sujeito pode não se aperceber de sua situação e não conseguir descobrir este sentido longe do valor criativo que fala Frankl (1991) podendo desencadear sintomas de depressão, ou mesmo de Vazio Existencial.

Uma das técnicas da Logoterapia que contribui para se encontrar sentido no trabalho é a intenção paradoxal. Ela foi criada para contrapor-se à hiperintenção, termo que denomina o empenho neurótico de fazer alguma coisa, através do grande mobilização da intenção e da atenção. Frankl usa a intenção paradoxal desde 1929, sua descrição formal só foi publicada dez anos mais tarde. Esta técnica é eficaz em casos de condições obsessivas compulsivas, fóbicas e casos de distúrbios neuróticos.

Assim a intenção paradoxal funciona a partir de uma ansiedade antecipatória, onde um sintoma provoca uma grande expectativa de temor - aquilo que ele teme acontecer - como por exemplo perder o emprego. No entanto, o temor acaba sempre fazendo acontecer aquilo que o sujeito tanto teme que aconteça (BENINCÁ, 2007). Ou seja, a ansiedade antecipatória acaba causando exatamente o que o indivíduo mais temia, já que o ser humano fica tão temeroso com aquela possível situação que não consegue se concentrar na atividade que tem a cumprir. Logo é possível perceber como a ansiedade antecipatória contribui para que o sujeito perca seu trabalho e adoça por causa disso, ou mesmo que se entregue de tal forma ao trabalho que o resto de sua vida não ofereça razões para viver.

Nas palavras de Frankl (2003, p 106): “Um sintoma evoca uma fobia, a fobia provoca o sintoma, e a recorrência do sintoma reforça a fobia”. O paciente então começa a fugir das situações que o faziam sentir sua ansiedade, fugindo do seu próprio medo, caracterizando a neurose da ansiedade.

O procedimento da intenção paradoxal funciona numa inversão da atividade do paciente. Ele deverá intencionalmente focar sua atenção para o medo, procurando assim confrontá-lo e senti-lo, mas não fugir dele. Ao mesmo tempo, o paciente faz uso da capacidade humana de autodistanciamento que

possibilita distanciar-se de sua própria neurose e de si mesmo (FRANKL, 1991).

Outra técnica utilizada na Logoterapia é a derreflexão. Sua eficácia corresponde à contenção da hiperflexão do paciente, nos casos do comportamento neurótico no trabalho, por exemplo. Este comportamento neurótico se caracteriza por não encontrar sentido neste trabalho e assim não compreendê-lo enquanto missão, tampouco impossibilita de enxergar que a vida fora do trabalho também pode estar carregada de sentido.

Quando o sujeito não consegue encontrar o sentido em sua vida ou mesmo no trabalho, normalmente o desemprego potencializa esta falta de sentido causando, assim, um adoecimento e um sofrimento ao indivíduo. A atuação do logoterapeuta deve se basear em fazer com que este indivíduo, que se propõe a buscar o sentido, conscientize-se da sua responsabilidade diante desta situação e realize uma atitude positiva perante ela. Finalmente deve entender se possível, contribuir com o sujeito no intuito dele perceber o seu trabalho e sua vida como fontes de sentido.

Deixando de ver seu trabalho enquanto sofrimento e compreendendo-o como algo que lhe faz crescer, é possível que se vislumbre um sentido. No entanto é compreensível que em uma sociedade responsável pelo adoecimento das pessoas e onde o consumo e o fato de ser produtivo é que dita o valor do cada sujeito, fica difícil encontrar um sentido tanto em seu trabalho como em sua vida.

No fato do desemprego eminente o sujeito deve buscar encontrar o sentido não apenas em algo criativo, mas sim também nas atitudes que ele toma diante deste sofrimento e como ele vivencia este sofrimento do desemprego.

Conclusão

Conclui-se então que na sociedade em que há cada vez mais tempo livre, não há nada que possua um sentido pelo qual vale a pena gastá-lo. No momento em que se investe em mecanismos produtivos de prazer e se evita realizar atividades transbordantes de sentido, perde-se a capacidade de suportar este tempo livre. Então qualquer sofrimento ou tensão que o sujeito

venha a sofrer diante deste tempo, para ele será insuportável (BENINCÁ, 2007). Cabe ao logoterapeuta o papel de conscientizar o indivíduo em relação ao valor destas tensões e do sofrimento inerente a elas, além de contribuir para que o sujeito vivencie o seu papel dentro da sociedade, mesmo sendo caracterizado como um desempregado.

Para a logoterapia, mesmo desempregado ou submetido a uma sociedade capitalista alienadora e consumista, o sujeito pode encontrar alguém ou alguma situação que o preencha e o faça vislumbrar o sentido na vida.

REFERÊNCIAS

- ÁLVARO-ESTRAMIANA, JL. Funciones Del Trabajo. In. **Desempleo y bienestar psicológico**. Madrid: Ed. Siglo Vientiuno – España. 1992.
- BENINCÁ, A.C. **Sentido e Saúde: Uma Perspectiva logoterapêutica**, Itajaí, SC, UNIVALI, 2007.
- BORGES, L.O. & YAMAMOTO, O.H. O mundo do trabalho. In JC ZANELLI; AVB BASTOS; JE BORGES-ANDRADE (Orgs). **Psicologia, Organizações e Trabalho no Brasil**. Porto Alegre: ARTMED. 2004
- CAVALCANTE, R.C. O Homem em busca do Sentido da Vida. **Rev. Psicologia Brasil**, v.03, n. 27, dezembro/2005 – janeiro/2006.
- DEJOURS, C. *Addendum*. Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. In S. LANCMAN & L. I. SZNELWAR (Org.). **Cristophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, Brasília: Paralelo 15 2004a.
- _____. Subjetividade, trabalho e ação. **Revista Produção**, 14(3), 2004b.
- Frankl, V.E. **Em busca de Sentido: um Psicólogo no campo de concentração**; 24 ed, Petrópolis: Editora Vozes, 1991.
- _____. **A presença Ignorada de Deus**. Tradução de Walter O. Schupp e Helga H. Reinhold. São Leopoldo, Editora Sinodal; Petrópolis: Ed. Vozes, 1992.
- _____. **Um Sentido para a Vida: Psicoterapia e Humanismo**, 10 ed. São Paulo: Santuário, 2003.

- GOMES, J.C.V. **Logoterapia: A Psicoterapia Existencial de Viktor Emil Frankl**, 2 ed. São Paulo: Loyola, 1992.
- LOBATO, CRPS. O Significado do Trabalho para o Adulto Jovem no Mundo do Provisório. **Revista de Psicologia da UNC**, Vol.1, N. 2, 2004.
- Lukas, E. Classificação e Axiomática da Logoterapia. In: Lukas, E. **Logoterapia “A Força desafiadora do espírito”**, Rio de Janeiro Leopoldinum Editora, Edições Loyola, 1989.
- _____. **Logoterapia a Força Desafiadora do Espírito: Métodos de Logoterapia**. São Paulo: Loyola, 2002.
- RIBEIRO, C.V.S.; LÉDA, D.B. **O Significado do Trabalho em tempos de Reestruturação Produtiva**. Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ, RJ. Ano 4, N. 2. pp. 73-83. 2004.
- STENFANICZEN, J.M. *et al.* **Workaholic: Um Novo Modelo Comportamental nas Organizações**. XIII SEMEAD: Seminário em Administração, 2010.